

TV VIVA: DA NÃO COMUNICAÇÃO À COMUNICAÇÃO NO LUGAR

Genovan Pessoa de Moraes Ferreira
Mestrando no Depto. de Geografia FFLCH/USP
Prof. da Rede Pública do Estado de Pernambuco

RESUMO:

Este artigo versa sobre as preocupações que estão norteadando minha dissertação de mestrado. Entre elas se encontram principalmente, algumas relações entre a mídia - entendida a um só tempo, como dimensão tecnológica essencial geradora de não-comunicação e ao entendimento das relações produzidas pelo mundo globalizado - e o espaço da produção e da reprodução das relações sociais produzidas e realizadas na cidade. *Como contraponto à mídia produtora de não-comunicação, propomos a investigação de uma TV de rua (TV Viva de Olinda/PE) que desenvolveu seu processo comunicativo, tendo como pressuposto, o uso do espaço público (ruas e praças) como pretexto para o encontro, a fala, o diálogo com o outro.* Esse encontro em espaço público será, por sua vez, o outro núcleo da nossa problemática que irá permitir discutir os processos de *apropriação* pelo uso do espaço num bairro pobre do Recife, bem como, o bairro como *lugar* de produção e reprodução do espaço urbano do Recife e de resistência, construção da identidade e manutenção da vida.

PALAVRAS-CHAVE:

TV de rua – lugar – apropriação

ABSTRACT:

This article deal with the concerns that are leading our mastership dissertation. Among them we find mainly, some relationships between media - understood at the same time, as essential technological not-communication generator dimension and to the understanding of the relationships produced by the globalized world - and the production and reproduction space of the social relationships generated and accomplished at the city. As a counterpoint to the not-communication generator media, we propose a research on a street TV (TV Viva from Olinda/PE) that developed its communicative process, presupposing the use of public space (streets and squares) as a pretext to the meeting, the speech, the dialog with the *other*. This meeting at a public space will be, at its turn, the other nucleus of our set of problems that will allow us to discuss the processes of *appropriation* by the use of space in a poor district of Recife, as well as the district as a production and reproduction *Place* of the urban space of Recife as well as a resistance, identity construction and life maintenance place.

KEYWORDS:

Tv de Rua – place – appropriation

Texto elaborado a partir do Projeto de Qualificação "Na Capital de Pernambuco... TV VIVA: A Imagem e a Apropriação do Lugar" - apresentado no Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da FFLCH/USP sob a orientação da Profa. Dra. Ana Fani A. Carlos em nov/97.

A intenção deste artigo é explicitar um pouco das inquietações e das questões que estão norteadando minha dissertação de mestrado. Nela estou buscando algumas relações entre a mídia - dimensão tecnológica essencial para o entendimento das relações

que se estão gerando com o mundo globalizado e o espaço da produção e da reprodução das relações sociais gestadas na cidade e produtoras do modo de vida urbano. Com isso quero deixar claro que não interessa a este trabalho os fenômenos da mídia em si mesmos; antes eles são mediadores de *primeira hora* para que possamos avançar na compreensão do espaço: o da *cidade* e o do modo de vida urbano, o do *lugar* e o do *cotidiano*, o da reprodução das relações sociais de produção e o de reprodução da vida, o da dominação, mas também o da *apropriação*, o do *produto* e o da *obra*.

Tendo como quadro de referência uma sociedade urbana que se generaliza e os meios de comunicação como suporte mediador fundamental do processo de constituição da mundialidade, fomos buscar numa TV de rua (TV Viva), que desenvolve seu processo comunicativo através e pelo uso do espaço público, a possibilidade da *apropriação* pelo *uso*, do reforço da *identidade* do *lugar*, de modificação do *cotidiano* dos habitantes de um lugar urbano da metrópole recifense o bairro do Morro da Conceição.

Com efeito, o modo de vida urbano, lentamente construído ao longo de um vasto processo histórico que gerou o mundo moderno, teve entre seus elementos constituidores o espaço da cidade como aquele onde o olhar irá exercer seu triunfo e sua tirania. Este processo parece alcançar patamares cada vez mais elevados nos dias atuais, quando o 'mundo da mercadoria' diluiu-se na imensidão do que é palpável (coisas, objetos...) e na imaterialidade das imagens. Progressivamente subtraído de uma concretude, o real passa a confundir-se com as simulações e representações que se faz dele. No limite, a cidade outrora guardiã e genitora de toda a densidade histórica contida em seus símbolos, transformar-se-á numa profusão de signos cuja rapidez com que são elaborados não permite acumulação de tempos, antes pretende o triunfo do presente sobre o passado e a eliminação do futuro. Destituída de qualquer simbolismo ou vestígio que nos lembre sua condição de *obra*, seus espaços funcionalizados pretendem lem-

brar-nos por todos os lados, que ali não há lugar para outra coisa, que não para a circulação de produtos, para a sua produção, em uma palavra para o *espaço produto*.

Não obstante, os processos que coisificam a cidade são os mesmos que geram contradições. Contradições do desenrolar das relações sociais no espaço e as provenientes do próprio espaço abrem fissuras, deixam resíduos, obstaculizam a realização plena do espaço produto. Em outras palavras, o espaço onde circula a mercadoria não é o mesmo onde circulam os homens para realizar as várias dimensões da vida: trabalhar, divertir-se, morar etc.? E se adicionamos à dimensão espacial das relações sociais, a dimensão comunicativa, no e através de processos de apropriação do espaço, abrimos a possibilidade para se pensar o *uso* do espaço como expressão de uma nova forma de produzir o *lugar* e o urbano? Em que medida o *acaso* e os *resíduos* - irredutíveis à lógica do mercado, podem ser apreendidos no cotidiano repetitivo dos moradores do lugar? Até que ponto o processo comunicativo gerado pela TV Viva no espaço da rua foi capaz de fortalecer práticas espaciais de resistência, de construção da identidade e de manutenção da diferença? Mais ainda, o conteúdo dessas práticas que negam a imposição de um cotidiano homogeneizante (do ser, do pensar, do agir), abre possibilidade para produzir o espaço de outra maneira? Como a TV Viva, ao *recuperar* o encontro e a fala, participa nos processos de fortalecimento e resgate de práticas espaciais reveladoras do *novo*?

Na sociedade de classes em que vivemos, a correlação de forças tem sido ampla e progressivamente favorável aos interesses dominantes do capital. Neste processo, homem e espaço, num único movimento, serão paulatinamente convertidos em coisa: homem/consumidor/*usuário*, espaço/circulação/mercadoria. Tal processo, entretanto, como já assinalamos, não se dará sem resistência e sem luta. É neste sentido que se darão permanentemente os embates no cotidiano do homem expropriado con-

sumidor/*usuário* - para restituir-se enquanto homem/*usador* inteiro, como produtor de espaço como *obra*.

Video popular: quando comunicar é preciso

Da mesma maneira que as classes dominantes utilizam-se dos meios de comunicação de massa para gerar não-comunicação, e com isso impor seu *modus vivendis* assentado na generalização das relações de *troca* e das *necessidades* - sustentáculos da *lógica da mercadoria* - igualmente as forças populares incorporarão esses meios - porém, dando-lhes um outro sentido - aos seus projetos e lutas.

É nesse sentido que se pode compreender a utilização das novas tecnologias de comunicação (antena parabólica, videocassete, TV a cabo, etc...), pelos movimentos sociais emergidos no Brasil, no início dos anos oitenta. O que até então praticamente só se dava através da linguagem escrita (foi este o caso da imprensa alternativa na década de setenta), passa agora a incorporar a linguagem audiovisual¹

É necessário dizer que embora essa junção entre novas tecnologias de comunicação e movimentos sociais, contenha peculiaridades concernentes ao processo histórico brasileiro, não é, no entanto, um processo único e original do Brasil. Na verdade este tipo de movimento guarda antecedentes noutros lugares; quer no plano de experiências práticas, quer no de sua fundamentação teórica.

No primeiro caso, irrompem os movimentos das TVs comunitárias nos EUA e no Canadá no início dos anos setenta; e das rádios livres na Itália e na França, entre meados dos anos setenta e início dos oitenta. No segundo, uma corrente teórica liderada por Enzensberger, pretende que a transferência do monopólio de controle dos *media* das classes dominantes para as massas, bastaria para acionar um suposto potencial revolucionário inerente aos *meios* e sua conseqüente vocação transformadora e socialista². Não escapará da crítica contundente de Baudrillard que classifica essa perspectiva de ingênua e que “pretendendo-se revolucionária, é apenas mística” Para ele, “é uma ilusão estratégica crer num desvio crítico dos media” pois o “verdadeiro monopólio nunca é dos meios técnicos, mas sim o da palavra” Daí a única revolução possível neste campo ter que passar necessariamente pela quebra do monopólio da palavra instituída pelos media: “semelhante palavra (refere-se aos media) passa pela destruição dos media enquanto tais, pela sua desconstrução enquanto sistema de não-comunicação. Isto não implica liquidação, tal como a crítica radical do discurso não implica a negação da linguagem enquanto material significante. Mas implica certamente a liquidação de toda a sua estrutura atual, funcional e técnica da sua forma operacional (...). No limite, certamente, é o próprio conceito de medium que desaparece, que deve desaparecer; a palavra trocada, a troca recíproca e simbólica nega a noção e a função de medium, de intermediário” (BAUDRILLARD, 1995, p. 167 e ss.).

¹ Segundo R. Festa data desta época a introdução do uso do computador, do telex e do videocassete pelo sindicalismo brasileiro, para o trabalho de formação, informação e organização dos trabalhadores e do movimento popular. Igualmente, centros e instituições de documentação iniciavam discussões sobre a incorporação do computador e de redes alternativas de informática e telex a serviço das organizações populares. Ressalta ainda duas experiências significativas neste campo: a da Federação das Associações de Moradores do Estado do Rio de Janeiro

que se mobiliza para exigir a democratização dos meios de comunicação, através de alterações na legislação que rege esses meios no país. E a da Equipe de Comunicação Sindical organizada em Recife para assessorar e fortalecer a comunicação no movimento sindical nas regiões Norte e Nordeste. R. Festa. “Movimentos sociais, comunicação popular e alternativa” (FESTA & SILVA, 1996, p.29).

² Para um maior aprofundamento dessa perspectiva, cf. ENZENSBERGER, H. M. *Teoria socialista dos meios de comunicação*. São Paulo: Nova Fronteira, 1978.

TV de Rua: a comunicação *restaurada*

O surgimento das TVs de rua no Brasil insere-se numa dinâmica que reúne, de um lado, a reorganização dos movimentos sociais no Brasil pós-ditadura militar e a incorporação, por estes, de novas tecnologias de comunicação em suas lutas: de outro, o movimento mais amplo de constituição da mundialidade, no qual estas tecnologias assumem papel essencial na vida cotidiana das sociedades em geral e do habitante da cidade em particular.

Adotamos aqui a definição dada por Cássia Chaffim, no seu trabalho sobre esse tipo de tevê no Brasil. A autora procura singularizar a *TV de rua*, da chamada *TV comunitária* e da *TV local*. Segundo ela, em alguns aspectos essas duas últimas chegam a se confundir: “a televisão comunitária refere-se a projetos que apresentam uma participação da comunidade na produção das mensagens com transmissão via cabo (...). Faz alusão, além disso, a canais que produzam programas que tenham como tema a realidade de uma comunidade específica e transmitam por microondas (...)” (CHAFFIM, 1995., p.13). No aspecto da tecnologia de transmissão das mensagens e na base local de sua inspiração e destino, residem as semelhanças entre as tevês comunitária e local.

“Televisão local nos remete a uma produção restrita a uma região específica, diferenciando-se de uma produção nacional, podendo ser veiculada por canais abertos. Dentro desse conceito, estão as repetidoras de TV Educativa por todo o Brasil,(...)” (CHAFFIM, 1995, p. 13). Em comum com as tevês de rua, a TV comunitária e a TV local têm o fato de buscar imprimir uma postura crítico-educativa aos conteúdos de suas mensagens, objetivando diferenciarse dos *media* de massa, conquistando a participação das comunidades na elaboração dessas mensagens, com vistas a uma pretendida democratização do acesso à informação, através da sua veiculação num plano mais próximo à vida cotidiana, das comunidades e dos seus problemas.

Essa perspectiva, como já vimos, baseada num suposto poder emancipador dos *media*, fundamentou várias experiências com comunicação alternativa nos EUA, Canadá e Europa. Neste caso também se encontram as tevês educativas no Brasil. Seus limites também já foram apontados, pois embora representem algum avanço, não chegam ao final do caminho, uma vez que, rompendo com o monopólio da palavra - o que só ocorre, em termos, nessas tevês pode-se restituir o processo comunicativo, construir novos processos e pensar um *novo fazer comunicativo*.

Por *TV de rua* entendemos a exibição de vídeos, através de telão ou monitor, em espaços públicos abertos de ruas e praças. “Um dos objetivos desses grupos é reunir pessoas para assistir a programas num espaço público, que se constitui num local para troca de opiniões e discussões, para a convivência com o diferente” (CHAFFIM, 1995, p. 10). É, aliás, a realização do processo comunicativo pelo *uso do espaço* da rua e praças, que constitui para nós o principal traço característico dessas experiências e razão mesma de nos interessarmos por uma delas.

Baseando-nos ainda em Chaffim (CHAFFIM, 1995), enumeramos as seguintes características gerais dessas tevês: a) estão normalmente voltadas para o desenvolvimento de projetos de comunicação com populações pobres dos bairros periféricos das grandes cidades brasileiras; b) uma vez sendo esses bairros expressões de um modelo econômico profundamente desigual, trazem consigo um desejo de mudança social; c) através da elaboração de mensagens de conteúdo crítico, fornecem informações que contribuem para estimular na sociedade, a reflexão sobre a realidade do mundo e sobre a realidade do *lugar*; propõe a organização das camadas subalternas da população e sua conseqüente participação social ativa, coletiva e consciente na construção do mundo; d) visto que o local de moradia tem um papel fundamental na sociabilidade das classes subalternas (aí não só residem, como passam a maior parte de suas horas de folga), as tevês de rua no plano do cotidiano

do bairro, dos seus movimentos e de sua cultura, pretendem ainda reforçar os laços de identificação daquelas com o lugar.

Se a constituição do mundo moderno assentou suas bases no crescente reforço do individualismo - no paulatino isolamento do *outro* - a revolução tecnológica nos meios de comunicação, que marca a sociedade atual, acentua esse isolamento que não permite comunicação, senão mediatizada por equipamentos eletrônicos (comunicação por satélite, redes telemáticas, computador etc.). Primazia do privado sobre o público e do tempo sobre o espaço, todas essas tecnologias prescindem a necessidade de contato físico com o *outro*.

Operando noutro plano, a TV de rua restitui a comunicação interpessoal retirando o indivíduo da esfera privada da casa, para o encontro com o *outro* na rua, reintroduzindo-o na esfera do fazer coletivo, em detrimento da individual. Atuando na escala do local, reforça as redes de solidariedade e os laços dos habitantes com o lugar.

Num quadro de crescente *mundialização*³, em que os lugares foram se fragilizando, pouco a pouco se esvaziando dos conteúdos particulares que lhes conferem identidade, ao mesmo tempo, esta última será amalgamada no *lugar* com os referenciais dessa mesma mundialidade em constituição, dialeticamente. E se concordamos com a afirmação de Ortiz (ORTIZ, 1994, p. 79) de que Geografia, História e Antropologia são afirmadoras da territorialidade das culturas, podemos pensar que a TV Viva (pela uso do espaço, pelo encontro e pela festa) contribui para afirmar o bairro do Morro da Conceição enquanto uma territorialidade dotada de uma identidade e de uma cultura.

³ Renato Ortiz propõe que se empregue o termo globalização quando se está referindo a processos econômicos e tecnológicos unificadores do mundo. Já a mundialização propõe que se reserve aos procesos exclusivos da cultura. Um e outro na verdade, estão imbricados e não podem ser analisados separadamente. (ORTIZ, 1994, p.29).

Embora as experiências brasileiras com TV de rua possam guardar especificidades, o traço comum que as une é o uso do espaço público como local de exibição para seus vídeos, no que se distanciam radicalmente das tevês convencionais.

As primeiras experiências com TV de rua, no Brasil, começaram a ser desenvolvidas no início dos anos oitenta. A *TV Olho*, que atuou durante quatro anos em Duque de Caxias, Região Metropolitana do Rio de Janeiro, e o *Projeto Audiovisual* ligado à diocese de Teixeira de Freitas, na Bahia, constituem-se nas primeiras demonstrações dessa forma alternativa de comunicação, de um total de onze projetos catalogados por Chaffim (CHAFFIM, 1995, p. 110-112). Contudo, embora a *TV Olho* e o *Projeto Audiovisual*, surgido em 1982, sejam as primeiras experiências de que se tem notícia, a *TV Viva* fundada em 1984 será a primeira, de fato, "(...) a trabalhar com um projeto definido, aproximando a TV de rua ao movimento de vídeo popular, que procura utilizar o vídeo como elemento para a mobilização social e animação cultural. O modelo da TV Viva vai inspirar inúmeros grupos, tanto no Brasil como no exterior, inclusive a TV Maxambomba (...)" (ORTIZ, 1994, p. 17-18). Esta, inspirada no modelo da TV Viva, surge em 1986, no Rio de Janeiro, e ainda se encontra em atividade. Outras experiências nascidas nos mesmos moldes, eclodiram nos mais diversos cantos do país depois de 1984, como: a *TV Memória Popular* em Natal, *TV Mocaranga*, em Santarém no Pará, *TV Anhembi*, em São Paulo, *TV Maré*, no Rio de Janeiro, entre outras.

TV Viva: a comunicação no lugar

A *TV Viva*, sediada na cidade de Olinda-PE, iniciou suas atividades em julho de 1984. Fez, porém, sua primeira exibição em espaço público em 1985, no *Morro da Conceição*, tradicional bairro popular do Recife.

A TV Viva compõe o projeto de comunicação alternativa do Centro de Cultura Luiz Freire (CCLF), uma ONG (organização não-governamental) fundada

em 1972 com o objetivo de desenvolver projetos no campo da pesquisa e ação sociais e de assessoria aos movimentos populares. Constituem seu núcleo de atividades, além da TV Viva, as áreas de Direitos Humanos, através do GAJOP (Gabinete de Assessoria Jurídica aos Movimentos Populares) e Educação Popular através da GRAL (Grupo Alternativo de Educação).

Enquanto projeto alternativo de comunicação voltado para as populações pobres, a TV Viva surge com uma linguagem que pretende contrapor-se a estrutura homogeneizante dos *media* de massa e ao monopólio da informação praticada por estes meios. Ou seja, estimular a apropriação das novas tecnologias em comunicação pelo meio popular, seria um importante instrumento de educação, mobilização e luta na trajetória de construção da cidadania por estas camadas da sociedade.

A TV Viva surge embalada por esse processo, ou seja, buscar em um outro *fazer comunicativo* o motor para engendrar a discussão, a consciência e a luta: “a nossa opção foi romper o isolamento do aparelho individual, reunir as pessoas na praça pública, a céu aberto e colocar no telão personagens identificados social e culturalmente com o público. Veicular informação para engendrar comunicação entre as pessoas. (...) Nosso trabalho é captar, resgatar ações, reações, o movimento da sociedade, sobretudo dos que, vistos pela ótica da comunicação dominante, parecem estar ausentes do processo histórico”⁴ (grifos no original).

Mantendo uma apresentação mensal em cada um dos vinte e um bairros em que realizava exposições, duas unidades móveis - *peruas Kombi* equipadas com telão, projetor de som e vídeo percorriam os bairros poucas horas antes da apresentação dos vídeos, anunciando horário e local de exibição.

Para montar a parafernália eletrônica suporte para a projeção do vídeo no telão - a equipe de exibição fazia ligação *gato* e desligava a iluminação pública. Testam-se e ligam-se projetor, áudio e videocassete (MARICATO, 1994, p.42). Pronto: “na capital de Pernambuco vinte horas” Com essas palavras ditas em *off* na vinheta de abertura, iniciava-se a exibição do primeiro vídeo da noite. Estava no ar, o que Cássia Chaffim, numa feliz expressão, chamou de “circotecnológico-mambembe” (CHAFFIM, 1995, p.91).

As exposições aconteciam na rua ou na praça dos bairros, a céu aberto, sempre às vinte horas. Ali reuniam-se entre 200 e 400 pessoas. O público, constituído principalmente por crianças e adolescentes, em pé, às vezes escorados nos muros das casas em torno do local de exibição, sentados no chão, acompanhava por uma hora uma programação formada por cinco blocos de vídeos (um infantil, um humorístico, um documentário, um jornalístico e um *cultural*).

Terminada a exibição dos vídeos, havia o momento das discussões: a TV colocava o microfone à disposição dos presentes, animava-os a fazer seus comentários, críticas e sugestões sobre o que acabara de ser exibido. Esta etapa do trabalho compunha a parte essencial do *fazer comunicativo* proposto pela TV Viva, que passa necessariamente pela *palavra* como elemento do processo de comunicação para a construção da cidadania. Assim, esse processo teria que passar pela discussão crítica dos conteúdos apresentados no telão e sua interiorização pelos moradores, como forma de se preparar para a luta cotidiana.

Dados levantados no campo revelam, no entanto, que embora o debate formal nem sempre contasse com grande número de participantes, a repercussão indireta da TV Viva na vida do Morro não era pequena. Esta análise, contudo, ficará para a segunda fase da nossa pesquisa. Nela tentaremos apreender a natureza e a qualidade dessa penetração da TV Viva na vida cotidiana do bairro.

Para os que ficavam, eram instantes em que o *povo* tomava a palavra para exprimir suas opiniões,

⁴ Folheto comemorativo do 5º aniversário de existência da TV VIVA/1989.

fazer críticas, divertir-se e até encantar-se com suas imagens no telão. Portanto, a fala, aqui, assumia o papel fundamental de vir a possibilitar mais uma instância de desenvolvimento no longo aprendizado de luta pela cidadania. Sobre a importância da fala nos embates do cotidiano, escreve Montenegro: “a fala é um instrumento decisivo para as populações pobres, que vivem a radicalidade cotidiana do *não ter* (...) Não dominá-la projeta um imaginário de limitação e impotência, no embate cotidiano com os agentes do Estado (...) e do capital, em síntese com os valores e as práticas instituídos como dominantes na sociedade. (...) Aprender a discutir, a defender uma idéia, a ouvir outras idéias, a inventar argumentos na defesa de seu ponto de vista, da sua opinião é um caminho a ser trilhado” (MONTENEGRO, 1994, p. 39). Para os que permaneciam, mas não queriam se manifestar, o momento se alternava entre a atenção ao que os outros falavam, comentários com o colega ao lado, o riso com a projeção da imagem do outro no telão, a brincadeira, a zombaria...

Ao final de dez anos de trabalho, a TV Viva interrompeu seu projeto de exposições nos bairros no segundo semestre de 1994. Eduardo Homem, um dos dirigentes da TV, atribui o encerramento da experiência à falta de recursos financeiros e à necessidade de repensar o projeto da TV de rua: “estamos revendo o projeto TV Viva, no sentido de que consideramos esgotada uma fase do trabalho. Depois de dez anos nas praças, achamos que estávamos nos repetindo e não aprofundando o vínculo com as comunidades (...). A TV Viva corria o risco de se transformar em mero espetáculo, forma de lazer, o que não tem nada de mais, sobretudo, em se tratando de bairros carentes de tudo, mas não nos basta, nem é suficiente para o esforço despendido” (CHAFFIM, 1995) (grifo nosso).

Mas e na vida dos moradores desses bairros, nos quais ao longo de dez anos a TV Viva se propôs a colaborar na formação de uma consciência crítica e transformadora, deixou ela alguma semente, vestígio para esta possibilidade? Ou sua extinção - no mundo

em que a mercadoria se generaliza - é só mais um alerta de que já não há mais lugar para utopias? Dez anos de espaço apropriado para o encontro, o riso, a festa reduzem à simples *vitória* do mercado? Acreditamos que não, pois o movimento da história guarda como sentido a mudança como potência latente que a acompanha, como que a espreitar por entre frestas o instante em que possa transmutar-se de sonho em realidade. Segundo Lefebvre, quando expõe o percurso metodológico para o entendimento das possibilidades de realização plena do urbano e da vida urbana “a utopia deve ser considerada experimentalmente, estudando-se na prática suas implicações e conseqüências. (...) Quais tempos, quais ritmos de vida quotidiana se inscrevem, se escrevem, se prescrevem nesses espaços “bem-sucedidos” isto é, nesses espaços favoráveis à felicidade?” (LEFEBVRE, 1991, p.108). Não serão esses lugares de exibição da TV Viva espaços *favoráveis à felicidade*, a qual se refere Lefebvre? Pelo menos em um desses lugares - o bairro do Morro da Conceição - quem sabe não poderá estar sendo gestada essa felicidade?

Se partimos da reflexão sobre o *urbano* no sentido em que nos traz LEFEBVRE (1991, p.81-82), isto é, aquele que não restringe o urbano à forma da cidade, ainda que seja inseparável dela, que lhe atribui um conteúdo proveniente da *simultaneidade*, da *reunião*, da *convergência*, do *encontro*; o urbano como uma *qualidade* que nasce de *quantidades* (pessoas, produtos, obras e relações que se amalgamam em processos complexos no espaço e no tempo da cidade); que é um *conjunto de diferenças* que se situa num tempo e num espaço; que deve ser primazia do *uso* em detrimento da *troca*; que é produto e obra ao mesmo tempo, não poderíamos encontrar, entre o fazer comunicativo da TV Viva e os moradores dos bairros, o caminho de um repensar o urbano e a cidade?

Se não simplificarmos a noção de revolução, - na verdade, a potência revolucionária - às batalhas sangrentas das classes trabalhadoras para a tomada do Estado; mas se, ao contrário, a ampliarmos, buscando em cada elemento do cotidiano - gesto, ato,

ação não capturada, não reduzida e não redutível à lógica da mercadoria, da troca - uma possibilidade que engendra a mudança (revoluções por minuto), estaremos vendo a TV Viva; pensamos com a cautela necessária para perceber em suas ações a possibilidade de apreensão de *resíduos* passíveis de serem canalizados para a mudança.

Assim, acreditamos que essas possibilidades possam ter se dado com a proposta de um fazer comunicativo, que retira o morador do bairro do individualismo e da passividade impostos pelas redes tradicionais de TV. Isso se dá com seu chamamento de volta ao espaço da rua e da apropriação desta pelo *uso* diferenciado da *troca*. No e através do espaço, o instante do encontro na praça ou na rua para assistir a TV Viva, a aglutinação que poderá permitir a construção de relações renovadas entre o sujeito e o espaço. Através da restituição da fala, a possibilidade outra vez do encontro e da festa. Por um momento a realização plena da vida urbana, a *apropriação* como contrapartida à lógica aprisionante, homogeneizante e hierarquizante imposta pelo capital ao espaço. Por alguns momentos, interrompem-se as engrenagens da cotidianidade dominada pelo ritmo do trabalho, pela repetição mecânica, pela perda da espontaneidade, pela programação da vida através da homogeneização e da eliminação da diferença.

Por fim, no plano mais imediato, dez anos de comunicação na rua permitiram aos habitantes dos bairros desenvolver novas estratégias de luta pela melhoria de sua condições de existência? Como elas engendraram no cotidiano a possibilidade de produção de um novo lugar? E como aqueles instantes de apropriação do espaço da rua, de plena realização da vida urbana, podem ser pensados como uma projeção para um novo produzir a cidade e o urbano?

Algumas pistas apontam que os encontros proporcionados pela TV Viva - para a um tipo de *troca* que não se confunde com o *valor de troca*, antes o inverso, pela *apropriação* pelo *uso* - por alguns instantes que seja - nega-o peremptoriamente, interrompe o círculo vicioso do *cotidiano* de repetição/homogenei-

zação, em benefício da *diferença*, do reforço da *identidade* territorial/cultural dos moradores com o *lugar*; e, finalmente, estabelece novas relações entre o lugar e a mundialidade em constituição, nas quais novas práticas espaciais podem gerar novos conteúdos urbanos para a cidade e, inclusive, uma nova cidade.

A Comunicação *Privilegia o Lugar*

Dentro da diversidade e complexidade dos elementos formadores do modo de produção capitalista e de suas variações no tempo e no espaço, está aquele que mais nos interessa no âmbito de nossa reflexão sobre o lugar: o da ampliação das trocas e dos espaços de circulação à escala global que o capitalismo irá propiciar, o qual pouco a pouco irá rompendo os laços do homem com a esfera mais próxima de seu espaço de vivência, isto é, com o *lugar*. Esta separação homem-lugar é uma entre as inúmeras separações (campo-cidade, obra-produto, trabalho-lazer, teoria-prática etc.) que o capitalismo promoveu para constituir a *sociedade global* como hoje a conhecemos.

A introdução de uma divisão técnica juntamente com uma divisão territorial do trabalho, ao lado das redes de circulação e das inovações técnicas (surgimento das estradas de ferro, do telégrafo, do automóvel, rádio, telefone, do avião, da televisão), e mais recentemente a revolução das telecomunicações e a formação dos blocos econômicos (CEE, MERCOSUL, NAFTA etc.), são apenas alguns dos elementos da história do capitalismo, responsáveis pela aceleração do tempo e pela unificação do espaço pela remoção de suas barreiras, característico das relações sociais globalizadas que se configuram neste final de século⁵.

Portanto, é tendo como perspectiva as relações de uma sociedade globalizada que tende a esva-

⁵ Sobre esse longo processo histórico de formação do espaço mundial e do conseqüente enfraquecimento das relações homem-lugar, cf. MORAES, A. C. R. & COSTA, W.

ziar os conteúdos sociais localizados e a homogeneizá-los como mero espaço de consumo, que pensamos sobre o *lugar* que permanece. Se das comunidades primitivas aos bairros da atualidade, o lugar e os homens que nele se reproduziam, foram perdendo seu conteúdo e sua identidade em benefício de determinações produzidas fora do seu contexto imediato, o lugar não poderia passivamente submeter-se a essas determinações produzidas alhures. Pelo contrário, o movimento estabelecido pelas ações do conjunto das forças sociais produzidas em seu âmbito, garante o caráter dialético de amalgamação entre os conteúdos próprios que caracterizam a identidade dos habitantes com determinado lugar, e os conteúdos da mundialidade que nele vêm se realizar. É neste sentido, inclusive, que os meios de comunicação e todo o aparato eletrônico da atualidade (televisão, computador, TV a cabo, videocassete, telefone celular etc.), tem papel fundamental para se entender a cidade, o urbano e o lugar.

No que se concerne à TV no Brasil, esta que no princípio da sua história (nos anos 50 e 60), dedicava parcela significativa de sua programação a aspectos e interesses das comunidades locais e regionais, com a sua estruturação em grandes redes nacionais a partir dos anos 70, irá impor uma programação centralizada no eixo Rio de Janeiro-São Paulo, ao conjunto do território nacional. Assim fazendo, como caudatária de um modelo econômico baseado no crescimento da indústria e na expansão do modo de vida urbano, será veículo de um processo cuja tendência de homogeneização avassaladora, sobretudo em relação à cultura, permitirá a integração das diferentes partes, modos de ser e culturas do país ao consumo. Neste processo desaparecem as tele-

visões locais e reduz-se a programação desta natureza nas grandes redes, ao mínimo estabelecido por lei.

O que a TV de rua nos permite pensar é que, sob o signo das mesmas relações e das tecnologias que trazem o mundo ao lugar destruindo-o a depender do uso que delas se fizer, poder-se-á levá-la à permanência, à valorização e ao reforço da identidade dos habitantes com o *lugar*. Acreditamos que isso tenha ocorrido na relação entre a TV Viva e o *lugar*. Se as grandes redes veiculam a homogeneização, a TV Viva valoriza a diferença. Se as redes que trazem consigo o *mundo* fragilizam laços de identificação coletivamente construídos a TV Viva, ao buscar na exibição a *comunicação*, a troca com o *outro*, vem reforçar aqueles laços e, assim fazendo, não terá contribuído para a permanência daquele lugar?

São, portanto, sob as dimensões do espaço de reprodução da cidade do Recife e de produção e reprodução da vida cotidiana, que estamos investigando as relações dos habitantes do Morro da Conceição com o *lugar*, a partir de uma TV de rua. Pois o bairro do Morro é uma expressão do processo de urbanização do Recife, baseado na produção e reprodução privada dos seus espaços, que força as camadas pobres a realizar sua reprodução nas favelas, morros e periferias da cidade. É em muitas dessas áreas precárias como o Morro Conceição, por exemplo, que os habitantes produzirão sua vida e seu espaço, viverão seu cotidiano de opressões e carências, engendrando aí também os movimentos de luta por melhores condições de existência. Ambos forjarão seus ambientes de sociabilidade e de encontro, seus espaços apropriados para a festa, para a troca de experiências, para o desabafo das alegrias e mágoas e, quem sabe, para a gestação do novo. Em suma, nas condições dadas para a produção da vida e do seu *lugar*.

Nessa perspectiva, a tríade *habitante-identidade-lugar* sugerida por CARLOS (1996, P. 20) para análise do lugar, é por nós utilizada para o entendimento de como os habitantes foram ocupando o es-

M. da. *A Valorização do Espaço*. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1987; (ORTIZ, 1996; IANNI, 1993). Sobre a questão da produção de lugares sem identidade, sem história, isto é, não-lugares: (AUGÉ, 1994; CARLOS, 1996, p.103-129).

paço do Morro da Conceição e se apropriando dele no decorrer do último meio século.

Área na qual ao longo de mais de cinco décadas foi se concentrando uma parcela expressiva das camadas populares do Recife, a população dos morros de Casa Amarela, aí incluída a do Morro da Conceição, desde muito cedo se vê compelida a desenvolver laços que, à margem do tempo, iriam tecer tramas de relações de identidade com o lugar. Em entidades de natureza religiosa, - especialmente no caso do Morro como centro de devoção à Virgem da Conceição - cultural, política ou associativa de caráter os mais diversos, os habitantes dessa porção da cidade tiveram que desenvolver suas capacidades organizativas. Seja para reivindicar do Estado condições mínimas de existência necessárias à sua reprodução, enquanto força de trabalho (instalação das infra-estruturas urbanas básicas, por exemplo), uma vez que se tratam de áreas carentes. Seja para desenvolver no próprio bairro, espaços de sociabilidade que permitissem a fuga da racionalidade homogeneizante imposta à reprodução cotidiana que os privam de viver a própria cidade (caso dos espaços apropriados para o encontro, a festa, o lazer e as atividades culturais como a exibição da própria TV Viva, por exemplo).

Tanto no primeiro quanto no segundo caso, uma vez que essas iniciativas de natureza associativa se dão por meio de relações construídas necessariamente com acento no coletivo, em contatos com o outro, produzidos no cotidiano, nas relações de vizinhança e pontos de encontro do lugar, acabam por permitir aqui e ali restaurações do uso não absorvido pela troca: "(...) esses movimentos reavivam o uso sem reduzi-lo a um simples consumo do espaço (...). São pequenas lutas para manter algo no espaço urbano que se perdeu e cujo mote reivindicatório tende a ser em torno de um objetivo específico, mas que só pode ocorrer mediante algum laço de solidariedade e identidade. (...) Por outro lado, produz, junto com a identidade, a consciência da desigualdade e das contradições nas quais se funda a vida humana" (Op.

Cit, p. 72-73). Daí porque a compreensão do papel dos movimentos de luta de cunho reivindicatório e de natureza cultural e lúdica, travados nos morros de Casa Amarela e, particularmente, no Morro da Conceição constitui aspecto de importância decisiva para a configuração e o entendimento desses espaços como espaços de resistência e de identidade de seus moradores com esse lugar da cidade.

Do tempo em que se instalou a imagem de N. Sra. da Conceição no topo do Bairro, conferindo-lhe o nome de Morro da Conceição, passando por quase um século de festa, devoção e romaria anual de milhares de pessoas àquele espaço para render-lhe homenagens; pela ocupação do seu espaço como lugar de moradia; pelas lutas travadas para nele poder ficar e produzir o espaço de reprodução possível da vida, sobretudo na década de setenta; pelos conflitos já na década de noventa, entre o segmento progressista da Igreja Católica, ligado à Teologia da Libertação e o Conservador que veio substituir-lhe, ameaçando destruir todo avanço social a duras e longas penas conquistado, os sujeitos sociais que foram produzindo o Morro, foram também produzindo uma história peculiar a este pedaço da cidade tornado *lugar* quando primeiramente o próprio chão da cidade lhes foi sendo tomado e em seguida a própria cidade. Forçados a *desistir* da cidade, não o foram, porém, a desistir da vida (pelo menos não a toda Ela). Do fundo da lama insalubre emergiram para o alto dos morros e, por suas encostas íngremes seguiram reproduzindo-a. Não que ao capital não interesse gradientes avantajados. Eis porque para os dominados nunca há sossego. Eis porque foram e continuam sendo necessárias tantas lutas. Nestas a força da organização e da história foram dando feições ao Morro, feições de bairro, mas também feições do lugar: de sofrimento, de alegria e de esperança, de festa e de religiosidade. A única forma de permanecer na cidade, de nela viver e de apropriar-se dos seus pedaços e, igualmente, de encontrar chances, possibilidades de dar rumos diferentes à sua história e de vivê-la com inteireza e dignidade.

Bibliografia

- ALVES, Glória de A. *Cidade como te ver?* São Paulo: Depto. Geografia - FFLCH/USP, 1992. (Dissertação de Mestrado).
- AUGÉ, Marc. *Não-Lugares*. São Paulo: Papirus, 1994.
- BAUDRILLARD, Jean. *Para uma crítica da economia política do signo*. Rio de Janeiro: Elfos Ed., 1995.
- BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular*. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- CARLOS, Ana F. A. *O Lugar no/do Mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica*. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- CHAFFIM, C. M. *O circo eletrônico - TV de rua: a tecnologia na praça pública*. São Bernardo do Campo: Instituto Metodista de Ensino Superior, 1995. (Dissertação de Mestrado em Comunicação Social).
- FESTA, Regina & SILVA, Carlos E. L. da. (orgs.). *Comunicação popular e alternativa no Brasil*. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.
- GOTTDIENER, Mark. *A produção social do espaço urbano*. São Paulo: Edusp, 1993.
- GUIDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. 2ª ed. São Paulo: Unesp, 1991.
- IANNI, Octávio. *A Sociedade Global*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- KURZ, Robert. *O colapso da modernização*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.
- _____. *O direito à cidade*. São Paulo: Moraes, 1991.
- _____. *La production de l'espace*. Paris: Anthropos, 1974.
- MARICATO, A. *TV Viva Furando a Rede*. São Paulo: ECA/USP, 1994. (Trabalho de Graduação).
- MONTENEGRO, Antonio T. *História oral e memória*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 1994.
- ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- PEREIRA, Cássia M. C. G. *O circo eletrônico TV de rua: a tecnologia na praça pública*. São Bernardo do Campo: Instituto Metodista de Ensino Superior, 1995. (Dissertação de Mestrado em Comunicação Social).
- SANTOS, Milton. *Técnica, Espaço, Tempo*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SEABRA, Odette C. de L. "A Insurreição do Uso" In: MARTINS, J. de S. (org.). *Henri Lefebvre e o retorno à dialética*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SODRÉ, Muniz. *A Máquina de Narciso*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1990.
- _____. *O monopólio da fala*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1984.
- SOUZA, Adriana M. de. *TV Viva furando a rede*. São Paulo: ECA/USP, 1994. (Trabalho de Graduação).

